

Brassávola

Uma das ruas em que morei, por algum tempo, no Recife, tinha o nome de 24 de maio; era uma rua que há vários anos foi aberta sobre o Cemitério do Convento dos Carmelitas, por isso se chamou primeiramente Rua dos Ossos; a razão deste nome provinha de terem sido revolvidos, por ocasião dos trabalhos com a sua construção, vários túmulos e valas comuns, exumando-se os esqueletos de muitos mortos que ali foram sepultados.

A atual Rua 24 de Maio foi, assim, traçada sobre terra ocupada por gente morta há muito tempo, e de quem não mais se tinha qualquer lembrança dos parentes e amigos. Nas catacumbas demolidas, nos túmulos desmoronados, foram, em dias muito remotos, encerrados os corpos de frades do Convento; irmãos membros da ordem terceira, das irmandades e confrarias: homens, mulheres e crianças que teriam morado naquele bairro ou nas suas proximidades; como de hábito naquele então, teriam sido ali inumados.

As pequenas casas daquela rua, quase todas de porta e janela, tinham dependências mal distribuídas, e de dimensões exíguas; faziam lembrar, essas pequenas casas, verdadeiros mausoléus para gente viva; ou talvez, quem sabe, para darem acolhimento às almas dos que morreram e ali ficaram como defuntos; as almas que, depois de tanto tempo, muita gente ainda acreditava que visitassem aquele local e se comprazessem em vagar pelas vizinhanças.

Era uma rua estreita e triste, indicando, pelo aspecto, a sua origem lúgubre e funérea; naquele mesmo lugar gente chorou; em épocas já muito antigas, diversas famílias rezaram diante dos cadáveres dos seus parentes mais íntimos, e cobriram de flores, e acenderam velas, e rezaram terços; nos dias de finados, voltavam, todos os anos, para repartir as mesmas cerimônias que foram aos poucos desaparecendo, pois se desfizeram, com o tempo, as próprias famílias. Apagaram-se os nomes nas pedras das sepulturas, apagando-se, nas memórias, as recordações. E toda a saudade se perdeu no meio daqueles ossos revolvidos; ossos que teriam sido sementes plantadas, das quais nada cresceu; sementeira que nada produziu.

Era uma rua estreita e triste que, apesar de tudo, estava impregnada de uma lembrança vaga e incerta, desconhecida ou indeterminada, impregnada de uma saudade imperceptível e mutilada; de uma nostalgia misteriosa e longínqua. Era uma rua estreita e triste!

Eu morava sozinho numa das casas da rua 24 de Maio; ocupava dessa casa apenas a sala da frente e o quarto que dava para essa mesma sala. Nela estava a minha espreguiçadeira, os meus livros, os meus desenhos; nessa cadeira, lia todas as tardes, antes de sair para jantar; lia todas as noites antes de dormir.

No quarto estava a cama em que eu dormia, deixando inteiramente abandonado o restante da casa: o longo corredor, a sala de jantar e o quarto que com ela se comunicava. A cozinha ficou inteiramente sem uso; sem uso o seu fogão de vários borralhos e com forno de assar bolos e pennis; fogão todo de tijolo de barro, ao jeito antigo das velhas casas. Na sala de jantar pus, entretanto, uma larga mesa de madeira tosca, onde fazia e tomava o meu café pela manhã.

E o corredor? O corredor, somente usava pela manhã, para alcançar o banheiro e o sanitário, localizados no extremo da casa, depois de um pequeno quintal.

Naquele tempo eu vivia sempre na rua. Trabalhava numa repartição pública, almoçava sempre em restaurantes e só voltava para casa à tarde, depois dos serviços prestados na repartição. Das quatro e meia da tarde às seis horas ficava lendo, na espreguiçadeira, à espera da hora do jantar, e para isso ia aos restaurantes “Gambrino” ou “32”.

Logo após o jantar, ia à procura de um grupo de amigos que se reunia todas as noites no “Café Continental”, na rua do Imperador; em companhia desses amigos, ficava eu conversando até tarde da noite. Como a maior parte deles voltava cedo para casa, costumava eu, quase sempre,

em companhia dos mais retardatários, atravessar a ponte para o Recife velho – aonde íamos beber num bar na rua da Guia – ou procurávamos o Bar Alemão, que existia ao lado do *Diário de Pernambuco*; ali ceávamos, bebíamos chope e comíamos frios sortidos. Às vezes, andávamos até um outro bar, o Pergentino, à rua de Santo Amaro, onde também ceávamos; depois íamos visitar as pensões de mulheres: Pensão Bohemia, Pensão Monte Carlo ou Pensão Mimi. Não era, entretanto, todos os dias que me demorava por tanto tempo nessas excursões noctívas. Eram também freqüentes os dias da semana em que voltava cedo para casa onde, na minha espreguiçadeira, ficava lendo até tarde da noite.

Dessa casa em que morei, na Rua 24 de Maio, o que mais me impressionava era o corredor; não sei porque descobria, na sua escura e larga e longa penetração até a sala de jantar, qualquer coisa de esquisito e fantástico, sobretudo porque sabia que ele era uma comunicação quase mutilada para o resto da casa, sobretudo para a cozinha e o outro quarto. O que mais me impressionava era o corredor. Quando levantava os olhos da leitura que estava fazendo, era sempre do corredor que me vinha uma sensação de tristeza e isolamento. Ao longo das suas duas paredes sem abertura para os dois quartos da casa reinava sempre um silêncio dentro de uma escuridão, mais espessa quando, com as chuvas, mais cedo anoitecia, e quando procurava ir ao banheiro, à noite, era uma aflição que me vinha ao penetrar naquele túnel, pois representava, para mim, uma aventura percorrê-lo. De qualquer modo, aquele corredor era uma passagem forçada para alcançar a sala de jantar e o banheiro; habituei-me, portanto, ao seu mistério e à sua realidade

Entre os amigos com quem costumava conversar, sentado tranqüilamente numa das pequenas mesas do Café Continental; mesas que estavam todos as noites espalhadas nas largas calçadas da Rua do Imperador; entre esses amigos estava, todas as noites, um descendente de inglês, funcionário do London Bank. Era filho de um engenheiro que veio da Inglaterra trabalhar na Great Western, companhia inglesa de estradas de ferro. Chamava-se Walter Williams Cox, mas, camaradescamente, todos nós lhe chamávamos de “O velho Cox”. Morava na Estrada de Dois Irmãos, num grande sítio muito arborizado, numa velha e grande casa, no subúrbio de Casa Forte. “O Velho Cox”, era um dos primeiros a deixar a tertúlia, preocupado com a entrada no Banco onde trabalhava, no dia seguinte, pela manhã muito cedo.

No sítio onde morava, junto à grande arborização que mantinha, Cox, cultivava orquídeas. Cultivar esse tipo de flores era o seu “hobby”. Nas conversas que tínhamos, falava-se às vezes de orquídeas raras, do hibridismo que se usava procurando obter novas espécies não existentes na natureza, que importam em quase 20.000 espécies.

Dessas conversas que mantínhamos sobre as orquidáceas, resultou que, nos meses em que floriam essas plantas espífitas – os meses de março e abril –, Cox começou a nos trazer e nos oferecer o que o seu orquidário produzia. Eram *Oncidius* (as *Regenere* e *Lancianus*); eram *Catléias* e *Lélias*; eram *Wandas* e *Dendróbios*; eram *Miltonias* e *Epidendros*; todas de belos coloridos; todas de labelos de formas diversas; algumas em cachos de flores amarelas ou vermelhas.

Nos dias em que recebíamos os presentes das orquídeas, depois que todos nós as contemplávamos, eu costumava levá-las para casa, onde as colocava na sala de jantar, em cima da mesa, dentro de um copo com água; voltava nesses dias mais cedo para casa, com o fim de guardá-las e conservá-las por mais tempo.

Na manhã seguinte, quando passava para o banheiro ou me sentava à mesa para tomar café, elas sempre me surpreendiam; sempre chamavam a minha atenção, essas belas flores. Contemplava-as então à luz do dia, observando-lhes o seu encanto. Assim, fui conhecendo, aos poucos, grande parte do orquidário do meu amigo Walter Cox, e fiquei familiarizado com essas plantas, de tanta riqueza formal e tão caprichosas linhas e admiráveis contornos. Essas

mesmas plantas, que muitos anos depois voltei a apreciar no orquidário de um outro amigo, o notável escritor carioca Gastão Cruis, também descendente de estrangeiros, e que possui uma casa no Alto da Boa Vista, onde passava o verão, e, às vezes me recebia, a mim e a Rodrigo M. F. de Andrade, para com ele jantarmos. Gostava, nessas mesmas ocasiões, de olhar as suas orquídeas, naqueles dias de verão carioca, áspero e quente, e do qual ficávamos abrigados pelo bom clima do Alto Boa Vista; olhava a coleção das suas flores e lembrava-me das do velho Cox; Gastão era também apaixonado por esse tipo de flor. Hoje, Gastão e Rodrigo vivem ainda na lembrança dos seus parentes e amigos; portanto, também na minha recordação.

Da influência que em mim exerceram as orquídeas de Cox basta contar o seguinte episódio: Uma noite o meu amigo trouxe-nos uma pequena flor, sem o brilho e o colorido das Catlêias ou das Lélis ou dos Oncídios e tantas outras que eram belas, brilhantes, com suas pétalas acetinadas; era, sim, uma pequena orquídea de cor branca e medíocre, que o nosso amigo designou como uma Brassávola. Quase sem graça e sem valor para ser vista, mas tinha uma propriedade que as outras não possuíam: aquela Brassávola era perfumada, emitia um cheiro bom, forte e agradável, a partir das primeiras horas da tarde, a flor, com o seu perfume, anunciava a noite; o crepúsculo tinha o dom cósmico, universal, de comunicar ao mundo terrestre, à natureza, que o sol distante desaparecera; havia entre a flor e a luz solar uma espécie de simbiose ou de despedida qualquer, que justificava o seu perfume como uma manifestação da vida vegetal, caracterizada pela clorofila; o seu perfume era uma parte do crepúsculo, era a transformação da luz em sombra.

Quando me entregou esse exemplar do seu orquidário, já eram quase oito horas da noite e a flor não tinha mais perfume, pelo que não acreditei no que disse o meu amigo, pois nunca tinha visto uma orquídea com hábito tão raro na sua vida de flor.

Cox costumava ir cedo para casa e, dentro de pouco tempo, se despediu e foi embora no seu bonde de Dois Irmãos.

Fiquei com a Brassávola e resolvi voltar também para casa; demorei-me, apesar disso, bastante tempo para que, ainda com a flor na mão, fosse aos poucos esquecendo o sortilégio. Na minha hora quase habitual de ir para casa, levei comigo a orquídea, assim esquecido das suas virtudes quase milagrosas; cheguei em casa e lá, na sala de jantar, fiz o gesto quase automático dos outros dias: coloquei num copo com água a Brassávola.

Voltei à sala da frente, já quase esquecido de sua existência e, como em todos os dias, comecei a ler na minha espreguiçadeira.

No dia seguinte, pela manhã, como todos os dias, passei pela sala de jantar para o banheiro. Depois, sentei-me na mesa para fazer o café e logo após tomei-o com o pão, trazido pela velha empregada, que chegava cedo; não prestei a mínima atenção à Brassávola, orquídea pequena e sem brilho, ali esquecida, abandonada para murchar.

Sem mais me lembrar dela, vesti-me e saí para o expediente da manhã na repartição a que pertencia. Às onze e meia deixei a repartição, para ir almoçar, o que fiz no Gambrino, como usualmente fazia; dei depois uma aula na Escola de Engenharia e voltei ao trabalho no horário da tarde. Da repartição, saí às quatro horas e regressei a casa onde, como era meu costume, estendi-me na velha cadeira e continuei a ler o romance de Alexis Tolstoi: *Dietsvo Hikita* - a infância de Nikita, primeiro livro que li em língua russa, aliás com muita dificuldade; devia sair logo mais às sete horas, para jantar e depois dirigir-me ao Continental, para a conversinha costumeira.

Estava assim a ler, me valendo do auxílio de uma gramática e de um dicionário russo, aquela história de uma infância, empenhado em bem compreender como Nikita conseguira deslizar na neve, montando um escabelo transformado em trenó, quando comecei a sentir que escurecia e, com a escuridão, um cheiro intenso e agradável invadia a sala onde me achava. Era

esquisito aquele cheiro intenso que vinha, pareceu-me, da boca do corredor já escuro; era como se alguém estivesse àquela hora vivendo, ocupando o resto da casa e talvez se preparasse para sair, usando um perfume; talvez, na sala de trás, uma empregada preparando a mesa para o jantar, ou na cozinha uma cozinheira ativando aquele morto fogão de tijolo que nunca utilizei para coisa alguma; era como se uma gente inesperada, ou escondida naquele resto de casa, tivesse ressurgido das cinzas para viver ali; para aparecer, sobretudo na personagem de uma mulher bonita e perfumada que estivesse se preparando para vir ao meu encontro na sala da frente.

Nesse ponto, senti um calafrio; um pânico me invadiu, lembrando os mortos que, no lugar daquela casa onde morava, tinham sido, há muito tempo, sepultados. O fantasma de uma mulher formosa e perfumada talvez tivesse agora vindo me ver, me espiar; talvez estivesse mesmo na sombra do corredor, me espreitando, procurando saber como eu era; o fantasma de uma bela moça; de uma formosa mulher, naquele lugar enterrada há muitos anos. Cheguei a ter a sensação de passos no corredor e uma certa ilusão de ouvir sorrisos abafados.

Fiquei sem saber o que fazer. Era o corredor, aquele misterioso corredor, que voltava a assumir a sua condição de mágica influência sobre mim, como há meses passados; transido de medo, pensei em me esgueirar pela porta da rua, mas me veio ao pensamento que alguém iria pôr a mão no meu ombro. Meio alucinado, supus até que algum desconhecido estava diante de mim.

Tomado pelo medo, comecei a me arrepender de ter vindo morar em semelhante rua, construída sobre o terreno de um cemitério; e cemitério de convento, com muitos anos de existência e onde, sucessivamente, muitas pessoas foram inumadas.

Por fim, com um esforço inesperado, procurei voltar à realidade: levantei-me e acendi a lâmpada da sala; o aroma que vinha pelo corredor era cada vez mais forte. Animado por essa decisão, quis me aproximar da abertura do corredor de onde vinha aquele perfume fantástico. Receei; havia como que um tremor no ar daquela passagem larga e comprida, que se prolongava até a sala de jantar, e não tinha contato com os quartos da casa; como se fosse um túnel.

Quando ergui os olhos da leitura, sentindo o perfume que inundava a sala inteiramente fechada, tive a impressão de ver, na abertura do corredor, uma figura esvanecida, estrangulada, que desapareceu de repente.

Vi depois, mais devagar, passar uma mão muito branca, de dedos crispados, ao longo da ombreira da abertura da passagem para a sala de jantar.

Apesar dessas visões que me freqüentavam, fui me habituando ao cheiro agradável que invadiu a sala, procurei me refazer de todas aquelas suposições e tomei uma deliberação definitiva: iria atravessar o corredor até a outra sala.

Eram aproximadamente seis e meia; todas as perturbações que sentia se amorteceram. Apesar de não compreender, de não poder explicar de onde vinha aquele perfume, me expliquei, como possibilidade longínqua, que viria da casa vizinha; de qualquer modo, fiquei um pouco tranqüilo e abatido.

Resolvi penetrar pelo corredor até o fim do mesmo.

Angustiadamente, atravessando o escuro corredor, cheguei à sala de jantar onde também acendi a lâmpada; olhei em torno da sala, estendi a vista pela porta aberta da cozinha; não havia sinal nenhum de ter por ali, ter andado alguém. Até então não tinha ainda percebido a Brassávola, que ali pusera na véspera, dentro de um copo cheio de água, em cima da mesa.

Aproximei-me mais da mesa e vi... vi então a pequena orquídea! Estava ali, medíocre, esbranquiçada, alvacentá, desbotada, que à simples vista, era quase nada... De repente lembrei-me que ela emitia perfume às seis da tarde. Cheguei-me mais para perto.

Aproximei-me então da orquídea; tomei o copo de cima da mesa; era ela, era a orquídea, que intensamente perfumava o ambiente, àquela hora da tarde.

Era o aroma da Brassávola que começava às seis, hora das antigas ave-marias das igrejas do Recife, que ainda hoje soam e ninguém mais ouve, ninguém mais escuta, ninguém mesmo as conta como fazendo parte do folclore; e os serviços de cultura nunca incluíram a sua música na tradição nacional.

Era o perfume da Brassávola e, ao mesmo tempo, o perfume da tarde, da luz vibrando no metal da tarde.

Perfume da luz crepuscular, se transformando em noite pura.